



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

06 e 07 de abril de 2019

Notícias do Dia
Capa e Memória
"Tá embruxado, não tem?"

Tá embruxado, não tem? / Crenças / Causos / Lendas / Manezinhos /
Coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos / UFSC / Universidade Federal
de Santa Catarina / Francisco do Vale Pereira / Folclore / Cultura /
Imaginário coletivo / Bruxas / Lobisomens

ANDERSON COELHO/ND



Nativos de Florianópolis, como Arante Monteiro Filho, relembram histórias que atravessaram gerações e acabaram esquecidas em tempos de modernidade.

Páginas 14 e 15

CRENÇAS E CAUSOS

DA ILHA

Nativos de Florianópolis relembram **crenças e causos** que atravessaram gerações e mantêm vivo e rico o imaginário ilhéu

Tá embruxado, não tem?

ANDREA DA LUZ
andrea.luz@noticiasdodia.com.br

FOTOS ANDERSON COELHO/ND

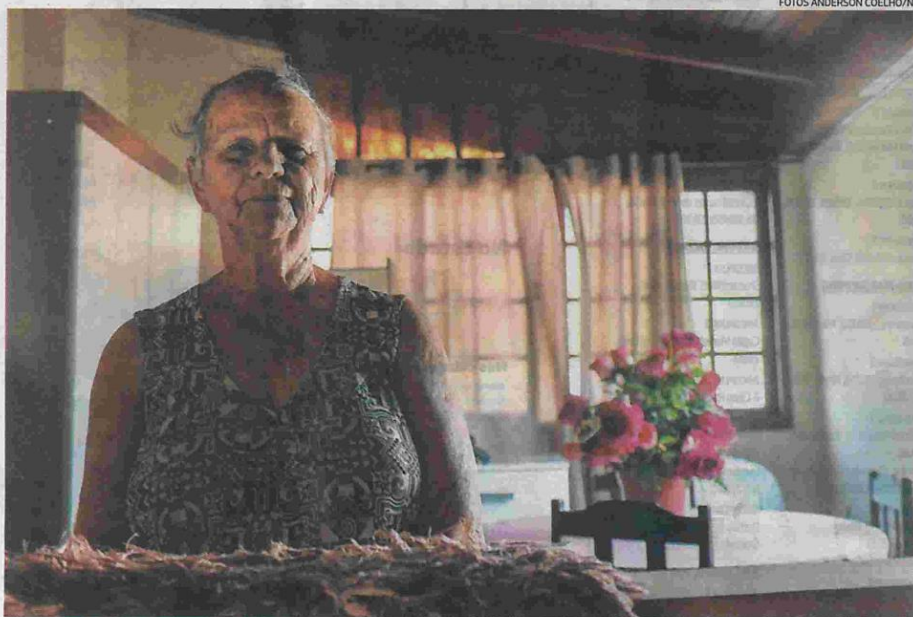
Tens tempo? Então, para tudo e presta atenção nos causos e histórias relembrados por autênticos manezinhos da Ilha de Santa Catarina. Pode até ser que você já tenha ouvido falar dessas crenças antigas, passadas de geração em geração com a força de uma verdade milenar, mas que acabaram um pouco esquecidas em tempos de modernidade.

Algumas histórias eram contadas pelos avós, que as ouviram de seus pais, e influenciam até hoje no modo de vida dos florianopolitanos. Você se lembra, por exemplo, do ditado que diz que colocar uma vassoura virada para cima atrás da porta fazia a visita desagradável ir embora? E que se varresse o pé de alguém, essa pessoa não se casaria?

Pois Anália Carvalho da Silva – a dona Nara, 72 anos, recorda muito bem desses dizeres. Nascida em Florianópolis e moradora do bairro Caieira do Saco dos Limões, ela diz que até hoje cobre os espelhos em dia de tempestades. “Coloco um pano sobre o espelho para não atrair raios, não uso o chuveiro, desligo a TV e até a energia elétrica, além de fechar toda a casa”, conta. “Também diziam que não era bom comer melancia e uva, porque ‘empedrava’ o estômago, ou misturar a fruta com leite ou banana”, afirma.

A amiga Maria Juvência de Oliveira, 74 anos, mais conhecida como dona Cota, conta que um dia esqueceu que tinha comido melancia e comeu uva logo depois. “Todo mundo dizia que fazia mal, mas eu esqueci e comi. Não me deu nada”, diz. “Não te deu nada porque tu não lembrou, mas se lembrasse ia acontecer”, opina dona Nara. “Mas a manga com leite é verdade, uma irmã minha quase morreu, foi parar no hospital”, afirma dona Cota.

Entre bilros e conversas na casa de dona Cota, na Armação do Pântano do Sul, as duas vão lembrando as crenças dos tempos de criança. “Mulher menstruada não podia lavar a cabeça, comer banana crua e nem melancia, porque dava hemorragia”, cita dona Nara. E o resguardo? “Ah, não era como hoje, que a mulher tem filho e já sai tomando banho, não. A gente ficava 40 dias se fosse menino e 30 dias se fosse menina. Durante esse tempo não podia lavar a cabeça e banho era muito pouco. Também não se comia feijão”, lembra a moradora da Caieira.



A dor nos ossos anuncia o vento sul para Dona Neusa, que lembra da história do marido de uma vizinha que virou lobisomem



Por causa de uma bruxa, filha de Dona Nara precisou de uma proteção de benzedeira para dormir à noite



Manter vivo esse imaginário é fundamental, porque enriquece a identidade cultural da população, trazendo maior aceitação e felicidade para a comunidade

Francisco do Vale Pereira, historiador

nd+
Leia mais em
NDmais.com.br

Histórias de arrepiar

E chegam ao tal do lobisomem. “Papai contava que viu um lobisomem, atrás do rancho aqui de casa, o bicho fazia uma ronqueira de porco, mas eu mesma nunca vi”, confessa dona Cota. “Ele também contava que um amigo dele descobriu que a canoa estava molhada e ficou espiando durante a noite. Eram bruxas, que vinham pegar a canoa para levar as crianças para ‘embruxar’ na Ilha do Campeche”, diz. Mas o que é embruxar? “É chupar o sangue, minha filha. Elas chupavam o céu da boca da criança e tiravam o sangue”, explica.

E quem curava criança embruxada eram as benzedeiros, confirma dona Nara. “Minha filha do meio nunca dormia antes da meia-noite. Nesse horário, ela queria ficar na janela, e não tinha nem um ano de idade. Ali por perto vivia uma senhora que todo mundo dizia que era bruxa. Levei na benzedeira, a falecida dona Dulce, lá no Saco dos Limões. Ela me ensinou a amarrar um raminho de alecrim, um de arunda e um de guiné e colocar embaixo do travesseiro da criança. Depois de 15 dias a bruxa morreu. Ela morreu de velha, mas minha filha passou a dormir direito”, conta.

As simpatias para crianças que não dormem à noite são variadas. Colocar a tesoura aberta debaixo da cama para espantar bruxa ou vestir a cueca do pai do avesso na criança estão entre as receitas para resolver de vez o mal dormir. “Coloquei a cueca do meu marido no meu filho Cleiton e resolveu”, garante dona Cota.

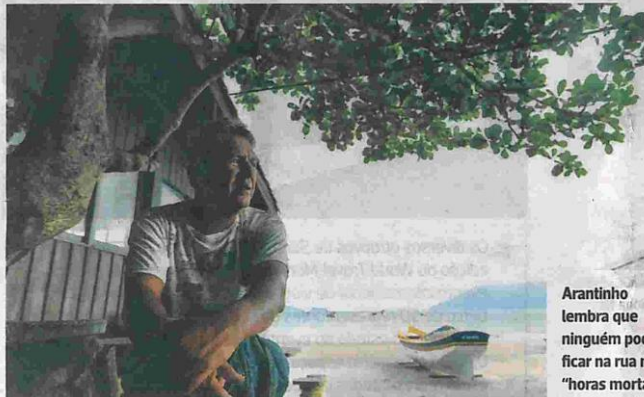
Um 'cachorrão' cravou os dentes

Nascida e criada na Armação, dona Neusa Maria Oda, 72, diz que aprendeu com a mãe – Marta Francisca Duarte, de 92 anos – a ter respeito pelos ensinamentos antigos. “Em dias de trovoada não se mexia em nada de aço, como tesoura, agulha, garfos e facas, além de não ligar o chuveiro e tapar os espelhos. A gente fechava toda a casa e ia para debaixo da cama”, relembra. Dona Marta explica que ninguém comia na hora da trovoada, para não mexer em talheres.

Dona Neusa, que não come melancia com uva e nem compra as duas frutas juntas, conta que quando dói os ossos ou a região de alguma cirurgia, é porque vai dar vento Sul. “Tenho um dedo aqui com artrose e já está doendo, hoje [quinta, e há previsão de vento sul na sexta, 5]”. E tem história de lobisomem: “uma antiga vizinha contou que

uma senhora daqui foi com o marido para o Campeche e no meio do caminho o homem desapareceu. Não demorou muito, surgiu um cachorrão, que cravou os dentes no vestido da mulher. Quando ela voltou pra casa, o marido estava em casa e ela viu que nos dentes dele tinha fiapos da roupa dela”, conta.

“E aqui tinha bruxa também, era uma senhora distinta que não vou dizer o nome, mas todo mundo sabia que ela era bruxa. Minha cunhada tinha um menino que não dormia à noite, aí ensinaram que em vez de jogar a água do banho fora, ela deveria colocar a gamela atrás da porta para a bruxa aparecer. Assim ela fez, e quando olhou para fora, a bruxa vinha caminhando em direção à casa dela. Ela jogou a água fora e a mulher parou, deu meia-volta e foi-se embora”.



Arantinho lembra que ninguém podia ficar na rua nas “horas mortas”: era certo ver assombração

A “mulher da capa branca”

E histórias de pescador? Eles são especialistas em contar causos. Na praia do Pântano do Sul, Arante Monteiro Filho, o Arantinho, 60 anos, aponta várias crenças dos pescadores. “Dá azar entrar no barco de chinelo de dedos, levar banana para o mar e se uma mulher grávida passar por cima da rede, não dá peixe”, cita. “O pescador também não gosta que encomendem peixe antes de ele sair para o mar”. Arantinho faz parte do time que não mistura melancia com uva. “Até hoje não como as duas juntas. Tem gente que diz que come, mas bebe uma cachacinha entre uma e outra”, diz, rindo.

“No meu tempo de criança, era comum ter lobisomens e bruxas. Tinha um lobisomem aqui na Costa de Dentro e outro na Armação”, conta Arantinho. Eles eram o sétimo filho em uma família de sete homens, e as bruxas eram a sétima filha mulher. Todos moravam e andavam sozinhos. “O lobisomem aqui da Costa de Dentro

vivia por aqui, todos sabiam que ele era lobisomem, andava cheio de cachorros. Um dia acertaram uma pedra no bando de cachorros e no dia seguinte ele apareceu com o braço machucado. Nas noites de lua Cheia, ele desaparecia”.

Ele lembra ainda que não era aconselhável ficar no mato nas horas mortas: meio-dia e dezoito horas. “Ninguém ficava nas roças nesses horários. Um dia meu pai ficou e avistou uma mulher de branco lá no Sertão do Ribeirão, ao meio-dia”, revela. “Certa vez, quando eu voltava do Centro por volta da meia-noite com mais dois amigos, fui levá-los em casa e quando passamos por um ponto na estrada perto daqui, vimos uma mulher de capa branca com uma vela acesa, na beira da estrada. Deixei os dois em casa e quando voltei, a mulher continuava lá. No dia seguinte, fui no velório de uma senhora e ela estava vestida com a mesma capa branca que eu tinha visto naquela noite. Mandei rezar três missas”.



Dona Cota lembra da história que o pai contava sobre as bruxas que roubavam canoas para levar as crianças para a Ilha do Campeche

O jeito maneirinho de ser

Um fato curioso é que o maneirinho adora contar causos, mas nunca como protagonista da história. “Ele tem a crença, mas não quer externá-la, seja por medo que lhe aconteça algo ou por vergonha de dizer que acredita. Mas gosta de divulgar, sempre na terceira pessoa e não como protagonista do ocorrido”, diz o historiador e coordenador do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Francisco do Vale Pereira.

Tantos causos e lendas não passam despercebidos em relatos de historiadores sobre a riqueza cultural de Florianópolis. Vários estudiosos se debruçaram sobre o folclore da Ilha, como Virgílio Várzea, Doralécio Soares, José Boiteux e Lucas Boiteux, mas foi Franklin Cascaes o responsável por registrar de maneira única esse imaginário ilhéu. “O legado de Cascaes é seu registro, como autodidata, da interpretação dessas lendas sobrenaturais em um universo que extrapola o livro e as publicações, levando o registro para o mundo da arte, em desenhos e esculturas”, aponta o historiador.

Mas quem é o maneirinho, afinal? Segundo Pereira, é uma figura típica e original, que nasceu e vive na Ilha de Santa Catarina, mantém sotaque próprio e jeito cantado de falar, com apreço pelas palavras usadas no diminutivo. “São pessoas sem ostentação nem aspiração ao acúmulo de riquezas, o que elas têm é considerado suficiente. São amáveis e receptivas, muito hospitaleiras, e manifestam grande paixão pela natureza e pelo mar, com quem mantêm uma relação de respeito por ser o local onde buscam seu alimento e sustento e por onde chegavam os suprimentos para o comércio, mesmo que atualmente as praias tenham maior apelo ao lazer”, explica.

Faz parte desse modo característico de ser e viver, o hábito de contar histórias que acabaram consolidando um imaginário coletivo, habitado por bruxas, lobisomens, assombrações e crenças centenárias. “Manter vivo esse imaginário é fundamental, porque enriquece a identidade cultural da população, trazendo maior aceitação e felicidade para a comunidade”, analisa o historiador.

SAIBA MAIS

Veja o significado de alguns termos usados pelos maneirinhos:

Causo: ocorrido, acontecido

Criança embruxada: criança franzina, que não dorme ou não come direito, e vai definhando com o tempo. Precisa de benzedeira para quebrar o feitiço

Embruxar: chupar o sangue

Horas mortas: meio-dia e dezoito horas, horários em que apareciam ‘assombrações’

Notícias do Dia Cidade "Dnit propõe quarta ponte"

Dnit propõe quarta ponte / Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes / Superintendente do Dnit / Ronaldo Carioni Barbosa / Requalificação da Via Expressa / Engenheira / Formada / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

ND CIDADE NOTÍCIAS DO DIA
4/5 FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 6 E 7 DE ABRIL DE 2019

Órgão federal quer fazer parceria com governo do Estado para **construir** mais uma ligação entre Ilha e Continente; **objetivo** é incluir projeto no orçamento de 2020

Dnit propõe quarta ponte

FÁBIO BISPO
fabiobispo@noticiasdodia.com.br

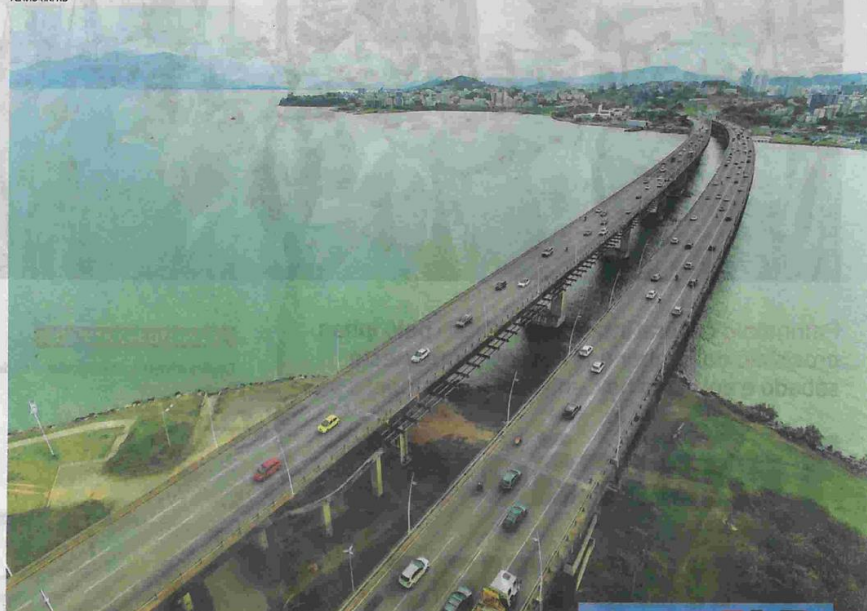
A viabilidade de uma quarta ponte entre a Ilha de Santa Catarina, onde está a sede de Florianópolis, e o continente, ainda depende de gesto dos deputados catarinenses em Brasília para incluir a obra nas previsões orçamentárias do próximo ano. A quarta ligação foi proposta pelo superintendente do Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) em Santa Catarina, Ronaldo Carioni Barbosa, após o órgão dar início à liberação das terceiras pistas da primeira etapa da requalificação da Via Expressa (BR-282). O anúncio foi feito na quinta-feira (4), no lançamento da Frente Parlamentar da Infraestrutura, na Alesec (Assembleia Legislativa de Santa Catarina).

Barbosa afirmou que ainda não há um projeto específico, mas sim uma intenção de parceria com o governo do Estado. "Nós temos conhecimentos de que haveria outros projetos, mas isso ainda precisa ser estudado. O que existe é uma intenção do Dnit abrir um canal de diálogo com o governo do Estado e com as bancadas estadual e federal para quem sabe prever esse recurso no orçamento de 2020", afirmou.

Nesta sexta-feira (5) foi liberada a primeira pista sentido BR-101, com um trecho de 4,8 quilômetros. O trecho no sentido Ilha deverá ser entregue no dia 15 de abril. O projeto de requalificação completa da Via Expressa, segundo Barbosa, pode ser comprometido se não houver meios de escoar o fluxo em direção à Capital. "Teremos oito pistas desembocando nas quatro pistas da ponte Pedro Ivo. Nós temos uma via rápida que chega no ponto de estrangulamento. A ponte é o funil", disse.

A primeira etapa da obra na Via Expressa custou R\$ 26 milhões. Já o projeto completo está orçado em R\$ 500 milhões. Esse valor não inclui a possível nova ponte. Apesar de ainda não ser uma proposta final, Barbosa sugere que a quarta ponte possa ficar exatamente entre a Colombo Salles e a Pedro Ivo, se conectando com a Via Expressa já requalificada.

FLAVIO TRIVID



Intenção do Dnit é construir a quarta ponte entre as atuais estruturas, Pedro Ivo Campos (à esq.) e Colombo Salles

DOSSIÊ ND

Projeto precisa ser incluído no orçamento da União

Ronaldo Carioni Barbosa diz que não é nenhuma novidade a dificuldade de caixa que os governos federal e estadual enfrentam, mas aposta que após a reforma da Previdência, e com o apoio da bancada catarinense na Alesec e em Brasília, o projeto possa sair do papel. "Estamos buscando o diálogo e se possível intermediar um acordo entre o governo estadual e federal. Eu estive na Comissão de Transporte assistindo ao debate sobre a reforma das pontes Pedro Ivo e Colombo Salles e acredito que este é o momento para tratarmos desse assunto", disse o superintendente do Dnit. No lançamento da Frente

Parlamentar, o presidente do colegiado, deputado Valdir Cocalchini (MDB), disse que o objetivo do grupo é buscar soluções para as principais questões da área em Santa Catarina. A Frente pretende dialogar com a sociedade e com o governo a fim de tratar dos setores aeroviário, marítimo, ferroviário, rodoviário e de energia.

Dados levantados pela Frente mostram que atualmente existem 49 obras de infraestrutura no Estado com investimentos da ordem de R\$ 6,2 bilhões. Dessas obras, 59% estão com andamento comprometido e 27% com prazo expirado.

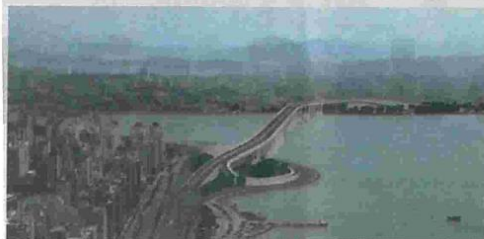
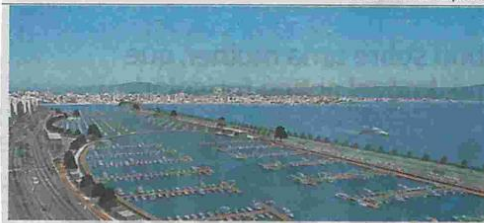
Saiu no ND



Durante a semana, ND publicou série de reportagens sobre a mobilidade urbana

IMAGENS DE DIVULGAÇÃO/ND

ANDERSON COELHO/ND



Requalificação da Via Expressa vai dar um novo fôlego ao complicado trânsito para quem chega ou sai da Ilha

Em 2011, projetos de quarta ligação foram apresentados ao Estado, que incluíam pontes, transporte marítimo e túneis

Quarta ligação não é novidade

Essa não é a primeira vez que se anuncia intenção de uma quarta ponte de ligação à Ilha. Em 2011, durante a gestão de Raimundo Colombo (PSD), o governo do Estado apresentou um projeto arquitetônico de ligação entre a Beira-Mar Norte e a Via Expressa Continental. Na época, o projeto custaria algo em torno de R\$ 1,1 bilhão, mas acabou não tendo apoio e financiamento necessário para sair do papel.

Em 2012, foi anunciado o recebimento de 12 projetos em um concurso lançado pelo governo para a quarta ligação. Entre as ideias, chegaram propostas de transporte marítimo, veículos de transporte coletivo rápido como VLT (veículo leve sobre trilhos) e BRT (Bus Rapid Transit), além de pontes, túneis e teleférico.

Um desses projetos, de uma empresa portuguesa,

propôs que a quarta ligação passasse exatamente entre as duas pontes hoje utilizadas, mas previa um metrô de superfície que seria integrado facilmente à ampliação da Via Expressa. Em outra proposta, uma engenheira catarinense formada pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) sugeriu a construção de ilhas artificiais, ligadas por duas pontes integradas com túnel, entre Santo Antônio de Lisboa e a região de Barreiros, em São José.

Em 2013, outro projeto, encomendado pela iniciativa privada, previa além da quarta ponte uma nova pista sobre a baía Norte, com marina com 2.100 vagas de barcos e bolsões de estacionamento para até 1 mil carros. Esse projeto previa investimentos da iniciativa privada com a obra da quarta ponte paga pelo poder público.

Corredor entre a Ilha e a BR-101

O projeto de requalificação completa da Via Expressa vai criar um corredor de fluxo entre as pontes e a BR-101. Segundo Ronaldo Carioni Barbosa, do Dnit, a obra voltará a dar velocidade aos veículos que chegam e saem de Florianópolis. Mas Barbosa alerta que isso pode acabar sendo comprometido se não encontrar o número de vias necessárias para cruzar o canal.

O estudo para realização da obra aponta que mais de 100 mil carros fazem esse trajeto diariamente e que em 20 anos o número de veículos diário deve ser três vezes maior. Foram realizados diversos estudos, considerando custo da obra, tempo de execução, interferência no tráfego e impacto ambiental.

O projeto, com 5,2 quilômetros de extensão,

prevê a divisão do tráfego em três grupos. O tráfego local vai utilizar as vias marginais que contarão com calçadas, ciclovias e espaço para serviços públicos. As faixas centrais serão destinadas ao uso exclusivo para o transporte coletivo. E as faixas principais atenderão os veículos leves de longa distância.

O investimento total é de R\$ 500 milhões. Devido às dificuldades para se obter toda a verba de uma vez, o Dnit optou por executar a obra por etapas.

A primeira etapa contempla exatamente a terceira faixa, com obras inclusive nos viadutos, que está em fase de conclusão. Essa obra dará as condições necessárias para a construção do corredor exclusivo de ônibus, no canteiro central, e a conclusão com a liberação das vias rápidas.

Notícias do Dia
Fabio Gadotti (Interino: Fábio Bispo)
"UFSC mantém corregedor"

UFSC mantém corregedor / Conselho Universitário / Ronaldo David Viana Barbosa / Fabrício Pinheiro Guimarães / Corregedoria-Geral da União / CGU / Alacoque Lorenzini Erdmann / Rodolfo Hickel do Prado / Afastamento / Polícia Federal / Operação Ouvidos Moucos / Chefe de Gabinete / Áureo Mafra de Moraes / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Prisão / Morte / Ubaldo Cesar Balthazar

UFSC MANTÉM CORREGEDOR

Em sessão realizada no dia 26 de março o Conselho Universitário decidiu recusar o afastamento dos corregedores Ronaldo David Viana Barbosa e Fabrício Pinheiro Guimarães pedido pela Corregedoria-Geral da União. A presidente do Conselho, professora Alacoque Lorenzini Erdmann, emitiu resolução com resultado da plenária onde argumenta que o grupo "considerou desnecessária a consulta ao Órgão Central. Por nota, a Universidade disse que em 2018, com afastamento do então corregedor Rodolfo Hickel o reitor submeteu dois nomes ao Conselho, que os aprovou. "A indicação, referendada pelo Conselho, foi encaminhada, por meio de ofício, à CGU", diz a UFSC. Em fevereiro de 2017, após a universidade nomear novos corregedores, a CGU chegou a se manifestar ao ND onde afirmou que não havia autorização para a substituição.

A disputa pelas cadeiras da Corregedoria tem origem na Operação Ouvidos Moucos, deflagrada pela Polícia Federal em setembro de 2017. Hickel foi um dos principais responsáveis por dar início as denúncias que resultaram na operação. Ele chegou a ser afastado pelo chefe de gabinete Áureo de Moraes, mas o ato foi anulado pela professora Alacoque, que na época ocupava o posto de reitora após a morte do reitor Cancellier, que chegou a ser preso pela PF. Após sair de licença, Alacoque perdeu o posto de reitora e o Conselho nomeou Ubaldo Balthazar como interino. Em fevereiro de 2018 Balthazar consumou o afastamento de Hickel após a conclusão de uma sindicância interna.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Respostas"

Respostas / Crime ambiental / Michele de Sá Dechoum / Docente /
Departamento de Ecologia e Zoologia / UFSC / Morongo / Almirante Soares

RESPOSTAS

“Sou assíduo leitor de sua coluna e fiquei muito intrigado com uma polêmica a respeito de plantas invasoras no nosso ecossistema. Fui pesquisar e encontrei no professor Google a seguinte informação: ‘Dentre as 20 frutas mais consumidas no Brasil, apenas três são nativas: abacaxi, goiaba e maracujá. Aquelas que não pertencem ao país são abacate, banana, caqui, coco, figo, laranja, limão, mamão, manga, marmelo, maçã, melancia, melão, pera, pêssego, tangerina e uva’. Fiquei em dúvida, conforme colocado pela senhora Dechoum, se seria melhor extinguir estas espécies invasoras ou simplesmente extinguir a espécie que se alimenta delas... o homem (invasor) de descendência europeia? Pode me ajudar a decidir qual a melhor solução? Forte abraço, Morongo – Mormaii”.

“As informações prestadas pela docente da UFSC na nota “Crime Ambiental”, em que contesta o fato de se jogarem sementes de árvores frutíferas nas matas, é um argumento tão surrealista quanto o que a bosta de vaca ajuda a destruir a camada de ozônio da atmosfera. Isto é, não é mentira, mas extremamente hipotética. Teu leitor, Almirante Soares”.

Diário Catarinense
Ânderson Silva

Plamus / Angela Amin / Deputada federal / UFSC



O PLAMUS PREVIU OS TERMINAIS. NAQUELA OPORTUNIDADE NÓS DISCUTIMOS JUNTO COM O DETER, JUNTO COM O PESSOAL DA UFSC. NÃO FOI DA MINHA CABEÇA QUE OS TERMINAIS FORAM ALOCADOS LÁ. OS TERMINAIS NÃO SÃO UTILIZADOS POR QUESTÕES POLÍTICAS

ANGELA AMIN

Deputada federal e ex-prefeita de Florianópolis, em entrevista ao colega Renato Igor na CBN Diário, na sexta-feira

CLIPPING DIGITAL

06/04/2019

**GRUPO DE APOIO ÀS PESSOAS COM DERMATITE ATÓPICA,
PSORÍASE E VITILIGO**

**Avanço da Indústria 4.0 supõe convivência da economia com a
academia**

**Notícia - CNTE debate Reforma da Previdência e seus impactos
sobre os professores na Câmara dos Deputados**

**Notícia - Professores anunciam greve nacional se reforma de
Bolsonaro for aprovada na CCJ**

07/04/2019

O 'bem' como opção de vida

Exposição de bordados está aberta ao público no Sesc